

A FAMÍLIA EM MEIO À TORMENTA

A FAMÍLIA EM MEIO À TORMENTA

Como a cruz redefine o lar

RUSSELL MOORE

Traduzido por Cecília Eller

MC
mundocristão

Copyright © 2018 por Russell Moore
Publicado originalmente por B&H Publishing Group, Nashville, Tennessee,
EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (RA), da Sociedade Bíblica Brasileira; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblica, Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M813f

Moore, Russell

A família em meio à tormenta : como a cruz redefine o lar / Russell Moore ; tradução Cecília Eller. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2019.
288 p. ; 23 cm.

Tradução de : The storm-tossed family: how the cross reshapes the home

ISBN 978-85-433-0474-8

1. Famílias - Aspectos religiosos. 2. Famílias - Vida religiosa - Cristianismo. I. Eller, Cecília. II. Título.

19-59118

CDD: 248.4

CDU: 27-4

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Categoria: Família

1ª edição: novembro de 2019

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

*Para Taylor Eugene Moore, meu filho.
Você foi uma surpresa ao nascer e continua a nos
surpreender com alegria.*

Sumário

1. A família assolada pela tormenta	9
2. A cruz como crise familiar	15
3. A batalha espiritual dentro da família	31
4. A família não vem em primeiro lugar	51
5. A família da igreja	61
6. Homens e mulheres ao pé da cruz	73
7. O casamento e o mistério de Cristo	97
8. Reapropriação da sexualidade	121
9. A estrada rumo ao divórcio (e para longe dele)	151
10. Filhos são bênçãos, não fardos	175
11. Criação de filhos com o fim em vista	203
12. Tensões e traumas familiares	229
13. A família durante o processo de envelhecimento	251
14. Liberdade para ser família	273
<i>Agradecimentos</i>	279
<i>Notas</i>	281

1

A família assolada pela tormenta

O nome deste livro foi inspirado em um hino que eu odeio. E Deus sabe que eu amo hinos! Cresci em meio a letras de louvores, os mais animados deles entoados a cada domingo na igreja de tijolos vermelhos que eu frequentava várias vezes por semana. Pego-me entoando muitos desses hinos nos momentos mais surpreendentes. Recorro a eles sempre que passo por momentos de crise pessoal (quando preciso lembrar que Deus me ama “como estou”) ou por momentos de tentação (quando procuro ter em mente que “estou seguindo a Jesus Cristo”) ou por momentos de alegria (quando desejo declarar “que prazer é ser de Cristo”). Mas há um hino que nunca canto comigo mesmo, muito embora, assim como os outros, eu saiba entoá-lo de cor caso alguém me peça.

O coro desse hino diz: “Toque a mão marcada pelos pregos”. Eu poderia dizer que é um hino sentimental demais, mas vários deles o são e, ainda assim, os aprecio muito. Poderia dizer também que o hino começa com uma metáfora misturada em forma de pergunta — “Você falhou nos planos de uma vida assolada pela tormenta?” —, mas também não é isso. Suponho que é porque a música não parece fazer sentido quando se compara o que é dito com a forma de cantá-la. O coro é leve e exuberante, quase que um *jingle* comercial, enquanto as palavras formam uma realidade tristemente sombria em busca do toque em uma mão perfurada por feridas ensanguentadas. Não parece combinar.

Ainda assim, esse hino continuou a me vir à lembrança enquanto eu escrevia este livro, e por um tempo não consegui entender por quê. A princípio, achei que era bem óbvio. Este é um livro sobre família, mas a família à luz da cruz. Meu subconsciente desenterrou esse velho hino porque eu estava falando sobre a cruz. Todavia, minha memória está cheia de cânticos sobre a cruz de Jesus e o sangue — fontes ensanguentadas, lavar-se

no sangue, encontrar poder no sangue. Demorou um bom tempo para eu finalmente entender: aquilo que minha psique interna estava buscando não era a imagem de pregos ou cicatrizes, mas, sim, de tempestade.

Assim como acontece com o tema do sangue, a tradição reavivada de igreja da qual provenho também possui diversos hinos sobre tormentas — sobre ser salvo de águas revoltas, sobre faróis que guiam os navios na tempestade, sobre casas construídas sobre a rocha, capazes de resistir à força dos ventos e da chuva. Afinal, o mundo da Bíblia era agrário, no qual a sobrevivência de nações, tribos, vilas e famílias dependia da chuva. E o mar era a personificação do caos, da desordem e do perigo. Aqueles que navegavam sobre as águas não podiam abrigar a ilusão de deter algum controle sobre o oceano, sobretudo se fossem revirados de um lado para o outro por uma tempestade repentina.

Logo, não é de se espantar que, com grande frequência, as nações antigas vizinhas do povo de Deus transformassem as tempestades em Deus. Muitos de seus deuses eram divindades da fertilidade, que traziam chuva caso fossem devidamente apaziguadas. As tempestades no antigo Oriente Médio podiam comunicar todo tipo de coisa acerca dos ídolos. Traziam água o suficiente para impedir a fome, mas o fogo e o trovão assustavam as pessoas, lembrando-as de que também eram capazes de matar. Era possível clamar a esses deuses pedindo chuva, mas também estar disposto a sacrificar uma vida humana a fim de acalmar uma tempestade prestes a fazer um barco virar (Jn 1.11-15). Mesmo iludidas, as nações conseguiam reconhecer algo bem verdadeiro: dentro da tempestade se encontra, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição. E tanto na bênção da chuva quanto nos perigos da tempestade, perdemos todas as nossas ilusões de controle.

A família é assim também: uma fonte de bênção de vida, mas também de terror excruciante, não raro ao mesmo tempo! Isso se aplica, de igual maneira, à cruz. Na cruz, vemos tanto a maldição terrível do pecado, o juízo de Deus, quanto a bênção divina ao salvar o mundo (Gl 3.13-14). Na cruz, Jesus confrontou a “alegria que o esperava” e, de igual modo, precisou não “se importar com a vergonha” (Hb 12.2). Nossa família pode ser cheia de alegria, mas sempre nos torna vulneráveis à dor. E tanto a alegria quanto a dor apontam para o mesmo lugar: a cruz. Nada é capaz de mostrar que você é amado e pertence a um lar como a família. E nada é capaz de privá-lo de

suas almeçadas pretensões e ilusões confortantes como a família. Conforme explicou Jesus, não importa se a casa está construída sobre a areia movediça ou sobre a rocha firme, as tempestades que acompanham ser família podem nos fazer sentir perdidos diante dos ventos uivantes ao nosso redor. E com a família, assim como acontece com a tempestade no mar, reconhecemos inevitavelmente que somos incapazes de fazer qualquer coisa em relação ao que nos assola.

No entanto, para aqueles de nós que estão em Cristo, as tormentas não devem causar surpresa. Não precisam nos fazer entrar em pânico nem nos destruir. A pior coisa que pode lhe acontecer não é o que você suportou com sua mãe ou seu pai. A pior coisa que pode lhe acontecer não é sua irmã, que não fala com você. A pior coisa que pode lhe acontecer não é o cônjuge o abandonar ou o trair, ou mesmo morrer. A pior coisa que pode lhe acontecer não é ver seu filho se rebelar contra você ou até mesmo enterrar o próprio filho, por mais terrível que tudo isso seja. A pior coisa que pode lhe acontecer é morrer sob a condenação divina, suportando todo o peso da sentença de morte e do inferno. Se você está em Cristo, isso já foi vencido. Você não é apenas um sobrevivente, mas um filho amado, um herdeiro de tudo. Ainda assim, é difícil lembrar-se de tudo isso quando sua vida parece ser sacolejada de um lado para o outro em mares tempestuosos.

Quaisquer que sejam suas tempestades, porém, você não está em águas inexploradas. O salmo 107 evoca isso muito bem:

Viajaram pelo mundo em navios;
 percorreram as rotas comerciais dos mares.
 Também eles viram as obras do SENHOR
 e suas maravilhas nas águas mais profundas.
 Por sua ordem, os ventos se levantaram
 e agitaram as ondas.
 Seus navios eram lançados aos céus,
 depois desciam às profundezas;
 foram tomados de pavor.
 Cambaleavam e tropeçavam, como bêbados,
 e não sabiam mais o que fazer.

Salmos 107.23-27

Mas a passagem não termina assim:

Em sua aflição, clamaram ao SENHOR,
 e ele os livrou de seus sofrimentos.
 Acalmou a tempestade
 e aquietou as ondas.

Salmos 107.28-29

Os discípulos de Jesus devem ter se lembrado dessa passagem enquanto balançavam de um lado para o outro na tormenta súbita nas águas da Galileia. O pânico na mente e na voz deles é palpável, sobretudo no relato feito por Marcos. Jesus, porém, dormia em um canto. Os discípulos não podem ser julgados por se ressentirem disso e indagarem: “Mestre, vamos morrer! O Senhor não se importa?” (Mc 4.38). Jesus despertou, mas não com o alarme injetado de adrenalina correndo pelas veias como a maioria de nós esperaria. Ele disse à tempestade: “Silêncio! Aquiete-se!” (Mc 4.39). E ela se foi. Em outra ocasião, o mesmo padrão se repetiria. O barco estava em meio a uma tempestade e lutava “contra as ondas, pois um vento forte havia se levantado” (Mt 14.24). Jesus, mais uma vez, agiu com calma sobrenatural, andando sobre as próprias águas assoladas pela tempestade. Quando Pedro tentou se unir a ele, foi derrubado, não tanto pela tormenta em si, mas pelo próprio pânico. “Mas, quando reparou no vento forte e nas ondas, ficou aterrorizado, começou a afundar e gritou: ‘Senhor, salva-me!’” (Mt 14.30). Jesus, é claro, o tomou pela mão. Nesse gesto, fez o mesmo que faria por todos nós. Ele suportaria o sinal de Jonas: iria para dentro da tempestade do pecado, da morte e do inferno e nos carregaria pela mão, a fim de nos puxar para fora em segurança, rumo ao lar. Jesus não entrou em pânico por causa das tempestades ao seu redor porque se dirigia a outra tempestade, assustadora de verdade, na cruz. Quanto mais penso a esse respeito, menos a pergunta “Você falhou nos planos de uma vida assolada pela tormenta?” me parece carregada por uma mistura esdrúxula de metáforas. Talvez faça mais sentido do que eu já havia reconhecido até então. Deve ser por isso que não consegui escrever este livro sem sussurrar sua melodia.

* * * *

O responsável por escolher os hinos em nossa igreja devia gostar do cântico “A mão marcada por pregos”, pois o cantávamos com frequência. Nunca o

escuto agora, e não posso dizer que sinto saudade. O motivo para esse louvor persistir em minha memória não é o hino em si, mas os dois elementos que o acompanhavam: a mensagem da cruz e o contexto de uma família. As imagens do cântico podem ser meio batidas em algumas partes, mas a figura central é visceral: a mão que se estende para nos ajudar é marcada não por abstrações, mas por pregos. O outro motivo de continuar na lembrança diz respeito àqueles que cantavam esse hino comigo, uma família da fé composta por pessoas que consigo enxergar agora mesmo com os olhos da mente. Eu poderia lhe contar exatamente onde a maioria se sentava a cada manhã de domingo. É provável que eu murmurasse junto com o hino quando bebê, no colo de minha mãe, ou quando brincava sob a vigilância de meu pai, quando garotinho. Isso me parece muito propício, pois é disso que trata este livro. Somos moldados e formados pela família, com toda espécie de atividades rotineiras e corriqueiras, que talvez nem tenhamos noção ou das quais não consigamos nos lembrar conscientemente. Aí está a alegria, e também o perigo.

Não sei qual é sua situação. Sei, porém, que você faz parte de uma família — uma família passada, presente ou futura, mesmo que não conheça nenhum nome ou rosto dentro dessa família. Alguém moldou você. Alguém o está moldando. E alguém o moldará. Também sei disto: por vezes, qualquer lar que você criar para si parecerá assolado por uma tormenta incontável. A fim de atravessá-la, precisamos reconhecer por que a família é tão importante para nós e por que ela jamais pode ser o ponto final para nós. Precisamos enxergar a família com clareza, mas também é necessário que vejamos além dela. O único porto seguro para uma família assolada por tempestades é um lar marcado pela cruz.

2

A cruz como crise familiar

Se você me perguntar qual é meu feriado preferido, eu provavelmente responderia Natal ou Páscoa, mas não arriscaria dizer isso quando conectado a um detector de mentiras. O polígrafo provavelmente pularia erraticamente enquanto eu, corado, precisaria admitir a verdade: sempre foi o Halloween. Confesso isso com relutância, pois alguns de vocês pensarão mal a meu respeito. Sei que eu deveria odiar o Halloween. Por ser um cristão evangélico da linha mais conservadora, alguns esperariam que eu descartasse a véspera do Dia de Todos os Santos como uma “festa do diabo”. Muitos esperariam me ver equipando uma cabine de caça à Bíblia no festival de outono da igreja ou ajudando crianças vendadas, na reunião do dia da Reforma, a brincar de “afixar as teses na porta do castelo”. Alguns imaginariam que, na noite de Halloween, minha família desligaria todas as luzes para fingir não estar em casa, enquanto as crianças fantasiadas do bairro encontrariam folhetos bíblicos à nossa porta, onde esperariam achar uma abóbora esculpida. Eu deveria odiar o Halloween, mas simplesmente não consigo. Desde muito pequeno, o Halloween sempre me trouxe, bem, para falar a verdade, boas-novas de paz e alegria.

Quando criança, eu levava muito a sério o que os mais velhos diziam sobre aquela festa ser uma “noite do diabo”, sobre o véu que separa o mundo espiritual do nosso estar especial e perigosamente fino nessa data. Era disso que eu gostava. Parecia-me que o Halloween levava a sério algo que eu sabia ser verdadeiro por intuição: o mundo exterior era aterrorizante.

A noite também parecia reforçar algo que eu já havia lido na Bíblia, isto é, que o universo ao meu redor estava vivo, cheio de forças invisíveis, algumas delas com o objetivo de me fazer mal. O Halloween aparentava ser a noite na qual os adultos admitiam isso, pelo menos um pouco. Quando mais novo, eu também tinha a sensação de que, se existiam realidades

assustadoras, fazia sentido a ideia de separar uma noite no calendário para reconhecer sua existência.

Para mim, a melhor parte não tinha nada a ver com doces ou fantasias. O que eu mais gostava era do fim da noite, quando estava coberto na cama, sabendo que meus pais dormiam do outro lado da parede de gesso. A noite lá fora podia ser assustadora com bruxas e lobos maus, mas tudo estava seguro em casa. Isso não me parecia nada pagão. Na verdade, era algo bem alinhado com meus antepassados bíblicos no antigo Egito. Os anjos da morte podiam espreitar fora da casa quanto quisessem, mas, contanto que o sangue estivesse nos umbrais da porta, tudo estaria bem.

Mas há outro motivo que não me deixaria passar pelo polígrafo das datas comemorativas. O detector de mentiras não me permitiria escapar com a ideia de que esse é o único motivo para meu amor pelo Halloween. Parte da razão é que, ao contrário do Natal ou do Dia de Ação de Graças, nunca havia drama familiar no Halloween. Ninguém fazia as malas para viajar até a casa de alguma tia-avó ou prima distante no Halloween. Ninguém nos colocava sentados em uma mesa dobrável para comer, enquanto se estressava freneticamente para tudo sair perfeito. Ninguém comparava o Halloween em questão com os dois anos anteriores. Ninguém se magoava nem se levantava da mesa após uma discussão acalorada sobre o excesso da bebedeira do tio Beto. Ninguém precisava fingir que essa era a época mais maravilhosa do ano. Ninguém batia a porta e gritava, em meio às lágrimas: “Você arruinou nosso Halloween!”.

Por mais assustadores que cavaleiros sem cabeça e criaturas do pântano possam ser, às vezes um jantar de Natal, uma caça aos ovos de Páscoa, uma recepção de casamento ou uma festa de aniversário infantil podem ser ainda mais assustadores que uma floresta assombrada. A família, porém, deve ser um refúgio de tudo isso, calorosa, tranquila e emotiva. Sem dúvida, essa é a imagem que a maioria de nós projeta nos cartões de Natal que enviamos. Para deixar bem claro, esses relatos costumam ser verdadeiros apenas em sentido limitado. A maioria das pessoas não inventa que o pequeno Benjamim ganhou a feira de ciências ou que a Livia se tornou sócia na firma de advocacia. A maioria das pessoas não anuncia ali que os boatos sobre a ordem judicial de afastamento contra a tia Judite são falsos. Mas muito permanece na esfera do não dito e não visto, por motivos claros.

Boa parte do que acontece em nossas famílias permanece encoberto, sejam os incômodos de conflitos emocionais, seja o trauma bem real de algum segredo familiar. Isso ocorre porque, em nossa cultura e em muitas outras, a família costuma ser uma arena para vencer e exhibir. Nossa família espelha, para o mundo exterior, o tipo de pessoa que queremos que os outros pensem que somos. Se algo não vai bem em nossa família, temos medo de que as pessoas concluem que há alguma coisa terrivelmente errada conosco. Assim, a despeito do fato de que a família quase nos mata de susto às vezes, sorrimos enquanto enfrentamos a situação. Um amigo meu gosta de dizer que ele já sabia que ser pai seria uma experiência de humildade, só não fazia ideia de que também seria humilhante. Mesmo quando tudo vai bem, nunca se sabe quando a criancinha dirá para os colegas da classe da escola dominical as palavras novas que aprendeu quando a mamãe gritou com o papai na noite anterior. E só piora. À medida que os filhos crescem, cada dia pode trazer a notícia da reprovação em uma matéria, ou de uma gravidez catastrófica, ou da perda de um emprego, ou do fim de um noivado ou de um acidente de carro. E parece que não podemos fazer nada a esse respeito, além de olhar os álbuns do passado e lembrar, nas fotos, o bebê fofo que aquele filho costumava ser — e também todas as nossas falhas como pai ou mãe.

A verdade é que não é apenas a criação de filhos que traz à tona a humildade. Praticamente todos os âmbitos da vida familiar se tornam humilhantes, porque acabamos revelando, dentro da família, quão dependentes podemos ser. Ser marido ou esposa, irmão ou irmã, filho ou filha também são mostras de humildade. Nos relacionamentos com as pessoas, estamos fadados a decepcionar e ser decepcionados, ferir e ser feridos. Quando fazemos parte de uma família, é quase impossível manter a imagem de nós mesmos que construímos com tanto cuidado para o mundo externo e para nosso próprio senso de significado. É possível que, assim como eu, você olhe para todos os fracassos de sua família e se pergunte: “Por que precisa ser tão difícil?”.

Se você é como eu, já buscou informações a fim de aprender como transitar em meio a tudo isso de maneira não humilhante. Minha tendência é querer uma lista de princípios infalíveis que me ajudem a navegar na vida em família — e sempre fiz isso, independentemente da fase da vida em que

estava e de meu papel dentro da família na época. Quando menino, queria um guia certo para que meus pais entendessem como matemática era difícil para mim e que “C” era uma nota suficiente, e também que me mostrasse como atender às expectativas tão elevadas de minha avó, que morava ao lado. Quando adolescente, queria uma lista de princípios que garantissem que eu seria capaz de resistir à tentação sexual, ou, melhor ainda, que me mostrasse uma falha no sistema que me permitisse ceder e, mesmo assim, continuar a ser um bom cristão. Para ser franco, eu queria princípios que me mostrassem como fazer uma moça gostar de mim o bastante para que eu de fato tivesse opções de tentação para vencer. Quando jovem, desejava um guia passo a passo para escolher a esposa certa. Após o casamento, minha esposa e eu queríamos uma lista de passos que garantissem que não acabaríamos como outros casais à nossa volta — brigando na justiça após o divórcio ou, o que nos parecia ainda pior, dormindo juntos durante a meia-idade em uma cama sem amor, sem sexo e com muito ressentimento. Queria uma lista de tudo que se espera de um marido cristão, desde as tarefas domésticas que deveria fazer até como garantir que minha esposa se sentisse amada o suficiente para jamais tentar chamar a atenção de algum pai mais envolvido nas atividades extracurriculares dos filhos, quando se cruzassem no meio do supermercado.

Mais para a frente, em nosso casamento, eu queria uma oração palavra por palavra que nos fizesse conceber filhos quando esse projeto se mostrou mais difícil do que esperávamos. Depois que os filhos vieram, queríamos saber se deveríamos alimentá-los em horários marcados ou aderir à criação com apego, se deveríamos colocá-los no violino em idade pré-escolar ou em aulas de patinação. Queria um guia abrangente de como evitar que meus filhos se embriagassem no ensino médio, se viciassem em drogas na faculdade ou se divorciassem durante a crise da meia-idade. Tenho certeza de que um dia desejarei orientações explícitas de como garantir um bom relacionamento com meus futuros netos, enquanto eles pairam acima de mim em suas naves flutuantes, comunicando-se por telepatia com seus amigos *cyborgs*, criados por inteligência artificial. Em todas as etapas, desejo uma lista detalhada de passos sobre como parar de me comparar com a vida aparentemente tão feliz e reluzente dos outros, enquanto eu pareço estar a apenas um passo de um desastre a cada segundo.

É claro que existem muitos motivos para a família ser tão difícil. A mais importante, porém, quase nunca é mencionada. Os riscos são grandes. Isso a maioria de nós sabe. Algumas pessoas se iram com os pais ao longo da vida inteira, mesmo muitos anos após estes falecerem. Outros passam anos se ressentindo dos filhos por todos os problemas que lhes causaram. Com frequência, entendemos que os riscos são altos, mas nem sempre compreendemos por quê. A família pode nos encher de vida ou nos quebrar por dentro porque ela é muito mais que o mero ciclo da vida de nosso material genético.

Família é batalha espiritual.

* * * *

A família é um dos retratos do evangelho que Deus colocou no mundo ao nosso redor. Através de um vidro bem escuro, conseguimos vislumbrar *flashes*, dentro da família, de algo que se encontra no cerne do próprio universo: a paternidade de Deus e a comunhão das pessoas umas com as outras. Nem todos gostam do que veem nisso. Muito além do Halloween, a Bíblia nos diz a verdade acerca do que existe à nossa espreita. Se as Escrituras estão corretas, então as culturas antigas acertaram sobre a existência de poderes invisíveis e hostis a vagar pelo cosmo, e esses poderes se iram contra a imagem do evangelho, onde quer que ela seja encontrada, pois o evangelho é um sinal do fim de seu reinado, do esmagamento de sua cabeça. É por isso que a queda da humanidade, apresentada nas primeiras páginas da Bíblia, não é uma mera história de culpa ou vergonha pessoal. A Queda imediatamente separou o marido de sua esposa, um irmão do outro, o pai da filha, o tio do sobrinho — tudo isso apenas nos capítulos de abertura de Gênesis. Se a família não estiver lhe causando algum sofrimento, é porque você não faz ideia do que se passa.

Em meio a tudo isso, a Bíblia não nos apresenta um manual da família. Em vez disso, ela nos dá a palavra da cruz. Ao falar em “cruz”, não me refiro a um símbolo dos princípios cristãos ou “valores familiares”. “A cruz”, nesse caso, diz respeito ao caos emaranhado de uma cena de assassinato fora dos portões de Jerusalém.

A Bíblia tem muito a dizer sobre família, não no calor da roda em volta da lareira, mas sim no Gólgota, o Lugar da Caveira. Aliás, as verdades mais importantes sobre a vida familiar não são encontradas em passagens que

costumamos interpretar como textos sobre “família” — aquelas que ouvimos nas pregações do Dia das Mães ou dos Pais, ou nas cerimônias de casamento. A passagem mais importante relacionada à família provavelmente se encontra no relato de Jesus, que, “carregando a própria cruz, [...] foi ao local chamado Lugar da Caveira” (Jo 19.17). Ali, na agonia da execução, Jesus clamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Seria fácil concluir, como fizeram aqueles presentes ao redor, que aquela era a reclamação de alguém rejeitado e totalmente abandonado por seu Deus. Mas Jesus não estava espontaneamente extravasando uma reclamação para o céu vazio. Na verdade, ele citou a letra de uma música.

Todo o relato da crucificação nos evangelhos está repleto de referências ao salmo 22, um cântico de Davi, desde esse clamor de angústia até os soldados lançando sortes para ver quem ficaria com sua roupa, passando pela agonia da sede. O salmo 22 é um cântico composto para ser entoado pelo povo que adora o Senhor, um hino que conta uma história de aparente desolação até a plena realização do amor constante de Deus. Esse hino da cruz tem tudo a ver com família.

Uma das coisas mais difíceis para nós, filhos ou filhas, maridos ou esposas, ou até mesmo irmãos e irmãs em Cristo dentro da igreja, é entender como tudo é complicado. Não estou me referindo apenas aos mecanismos de convivência, a dar bom exemplo de casamento ou de criação de filhos, ou a honrar pai e mãe. Estou falando da mistura singular de alegria e terror, de beleza e quebrantamento que se encontra dentro da família. De vez em quando, aparece uma pesquisa para dizer que os pais são mais felizes que as pessoas que não têm filhos, ou que os casados são mais felizes que os solteiros. Então surge outro estudo para provar o contrário: que os pais são mais deprimidos que quem não tem filhos, ou que os casados sentem mais depressão e ansiedade que seus pares solteiros. Um estudo mostra que a família nos faz crescer e nos torna estáveis. Já outro revela que a família nos desestabiliza e nos leva à loucura. Suspeito que todos esses dados estejam corretos. A família é algo extraordinário — e terrível ao mesmo tempo. Nós, cristãos, já temos uma categoria para isso. A cruz nos mostra como podemos encontrar beleza e quebrantamento, justiça e misericórdia, paz e ira, tudo no mesmo lugar. O padrão da vida cristã é a glória crucificada — isso é tão verdadeiro para nossa vida em família quanto para tudo o mais.